

A hora de 'cair na real.' Espiral da dívida virou uma ameaça geral

A amortização do principal da dívida exigirá US\$ 7 bilhões, sem falar no serviço (juros), que deve alcançar algo em torno de US\$ 13 bilhões.

A saída, segundo as autoridades, ainda está nas exportações. Precisamos obter um superávit na conta comercial da ordem de US\$ 6 bilhões. O restante deverá ser **garimpado** no mercado financeiro internacional. E, em que pese o pessimismo de muitos, parece que, com a recuperação que a economia americana já esboça e com a anuência da maior parte dos banqueiros internacionais em apoiar o Brasil neste momento de dificuldades, os problemas serão superados.

O problema era, pois, obter tais recursos. Ocorre que os bancos internacionais já se mostravam preocupados com a situação de diversos países — entre eles o Brasil. Preocupação, de resto, justificada, como o comprovaram os acontecimentos ao longo de 1982. Desde 1980 que eram crescentes as dificuldades na obtenção de empréstimos de longo prazo destinados a financiar os déficits de conta corrente, o que levou as autoridades a terem de encarar a fórmula dos empréstimos de curto prazo.

O perigo dessa alternativa logo se sentiu. Chegamos a um ponto em que a espiral do endividamento tornou-se ameaçadora.

Importação de Petróleo Bruto e Derivados

Ano	US\$ milhões	Mil t	Mil barris/dia	Crescimento em toneladas
				%
1973	710,8	34.300,6	680,9	-
1974	2.840,1	34.978,3	694,4	2,0
1975	2.875,4	35.965,0	714,0	2,8
1976	3.612,5	42.394,4	841,6	17,9
1977	3.813,9	41.858,0	831,0	1,3
1978	4.195,8	45.678,7	906,9	9,1
1979	6.434,4	50.993,2	1.012,4	11,6
1980	9.844,3	45.752,0	908,3	-10,3
1981	11.005,8	43.553,1	864,7	-4,8

(*) — Fonte: Boletim do Banco Central do Brasil